

Editorial

ARTES EM CONVÍVIO: OS PROCESSOS E OS SABERES NO CONTEMPORÂNEO

O **Dossiê Artes e Convívio** reúne em suas páginas os encontros, as conversas, as viagens, as pesquisas teóricas e poéticas que envolvem estar e trabalhar junto com o outro, ou seja, investigar outros modos de estar juntos nas/pelas/com artes. O traçado de uma cartografia de processos e saberes que mobilizam a participação e a colaboração de diferentes maneiras, com o objetivo de instaurar um espaço dialógico entre diferentes contextos e manifestações culturais, abrindo espaços para falas que problematizam o lugar das artes na produção de outros modos de conviver na contemporaneidade.

Nós organizadoras deste dossiê, Andreia Machado Oliveira (PPGART/UFMS), Eduarda Gonçalves (PPGAVI/UFPE) e Deisimer Gorczewski (PPGArtes/UFC), como artistas, professoras e pesquisadoras, cultivamos o desejo de compartilhar práticas colaborativas e participativas diversas, que foram realizadas em movimentos das pesquisas poéticas vinculadas a universidades brasileiras, antes de sermos aturridas pela pandemia provocada pelo Coronavírus Covid-19. O dossiê abriga experiências singulares que ocorreram no *entre* das universidades e em diferentes comunidades: indígenas, assentados, quilombolas, mulheres, entre outras. A reunião e partilha das pesquisas, ações de extensão e práticas artísticas, destina-se aos professores, estudantes, artistas e pesquisadores das artes e outros profissionais e interessados. Sendo assim, ao buscar por uma diversidade de modos de conhecer e fazer em arte contemporânea, o dossiê tem como proposição apresentar os processos artísticos coletivos e colaborativos, desenvolvidos nos campos culturais, sociais e políticos, a fim de promover um contato diferenciado com o outro, atualizando referências artísticas ocidentais, tais como: Arte Contextual, Arte Relacional, Arte Colaborativa, Arte Intervenção, Arte Ativismo, Arte Propositiva, Arte Socialmente Engajada e outras acepções. Abordamos, aqui, Artes e Convívio a partir de afeições e processos de singularização que resultaram das

pesquisas poéticas e das políticas universitárias. Queremos dar a ver outra maneira de conceber e pensar as artes em contextos da vida brasileira, com suas particularidades locais, e processualidades na relação com os modos de existir/resistir/reexistir.

Os dispositivos e os temas transversais apresentados pelos autores, tais como: ética, cidadania, diversidade, inclusão, saúde, meio ambiente, violência, gênero, etnia, pluralidade cultural, etc., estão em consonância com inquietações atuais no âmbito da economia social e solidária, ecossistema, sustentabilidade, práticas em redes sociais, comunidades virtuais, e-democracia, entre outras.

Nessa perspectiva, o dossiê encontra-se organizado em três seções, sendo todas relacionadas aos Processos e Saberes Poéticos. Na primeira, **PROCESSOS E SABERES POÉTICOS: MODOS DE CONVÍVIO** contamos com as contribuições que enfatizam questões conceituais propiciando um panorama dos contextos da arte participativa e colaborativa; na segunda, **PROCESSOS E SABERES POÉTICOS: AÇÕES NAS COMUNIDADES**, contempla práticas artísticas em que o artista se aproxima e convida certa comunidade a integrar a proposta; e em **PROCESSOS E SABERES POÉTICOS: AÇÕES COM AS COMUNIDADES**, as práticas artísticas decorrem das demandas das comunidades, propiciando uma autoria coletiva horizontal entre todos os participantes.

PROCESSOS E SABERES POÉTICOS: MODOS DE CONVÍVIO está constituído por cinco artigos. Em **Práticas artísticas participativas: considerações sobre tensões e conceitos**, Cláudia Zanatta (UFRGS), apresenta algumas das tensões e deslocamentos teórico-processuais decorrentes do campo social e das práticas participativas, bem como problematiza as questões de autoria/coautoria pertinentes a tais práticas. Com referencial teórico em Claire Bishop, Suzanne Lacy e Hannah Arendt, aborda conceitos como micropolítica e auto representação, autonomia, subjetividade, com o foco em possíveis diálogos do sujeito com a coletividade. Ainda, apresenta três práticas participativas em contextos diferenciados: proposta de Suzanne Lacy intitulada

The Roof is on Fire; proposta Plataforma *Salvem El Cabanyal*; e proposta Território Ilhota, em parceria entre o grupo Cidadania e Arte e a Comunicart.

A pesquisadora e professora Rosa Maria Blanca (UFSC), em **Performances colaborativas ou como produzir teorias no movimento**, nos concede uma genealogia de práticas e performances colaborativas lgbtqfeministas na arte, atentando as motivações e contextos de suas ações. Blanca evidencia os movimentos precursores nos anos 70, como o AIR (*Artists in Residence*) e a produção artística de Miriam Schapiro e Judy Chicago que realizaram os primeiros estudos de arte e feminismo de forma colaborativa, nos anos 80, Guerrilla Girls e atualmente a performance colaborativa Coño Insumiso. Com referência aos artistas (os) e teóricas (as), ativistas e professoras Cristina Wolff, Marlene de Fáveri, Miriam Pillar Grossi, Nádia Senna e Ursula Silva, Blanca evidencia os aspectos de cumplicidade e solidariedade nos movimentos feministas na arte, considerados transnacionais atualmente, em consonância com a pesquisa *Queer*, com o propósito de configurar um espaço seguro, para o trabalho, a exposição e o ensinamento.

Rogério Vanderlei de Lima Trindade (UFPEL), em **Estanciar discursividades poéticas: ensaios conviviais e suas leituras na arte do presente**, discorre sobre os novos ensaios-cognitivos-coletivos, observados nas proposições artísticas durante a década de 1990, a partir de pressupostos encontrados na Estética Relacional de Nicolas Bourriaud. Trindade, evidencia o distanciamento e a problematização dos discursos, que legitimam a arte moderna e a arte pós anos 60 e que são encontrados nas considerações acerca das artes atuais. Nos concede a dimensão que envolve o conceito de arte relacional nos dispositivos da arte, e como estes conferem novas concepções de arte aos modos de fazer e sua maneira de partilhá-las. Refere-se também as teorias propostas por Arthur Danto, Giorgio Agamben, Anne Cauquelin, Jacques Rancière, entre outros, que revelam o descompasso temporal, conceitual e metodológico nas abordagens discursivas modernistas em relação a arte de hoje.

Já Érico Araújo Lima (UFC), em **Diante das Cisões: cinema e luta por moradia**, a partir da análise dos filmes brasileiros, *Na missão com Kadu* e *A cidade é uma só?*, conjuga as ações cinematográficas e as configurações políticas da nossa formação social ao aproximar cinema e práticas moradoras. Aborda as ocorrências de alianças entre quem filma e quem é filmado, engajamento entre equipe e filmados, em práticas que habitam aqueles lugares. O trabalho apresenta forte interlocução com os pensamentos dos cineastas Adirley Queirós, Pedro Maia de Brito, Aiano Bemfica e Kadu Freitas, realizadores dos filmes. Lima também dialoga com os estudos de Amaranta César, André Brasil, Cláudia Mesquita e Tim Ingold, conforme surgem as discussões, ao longo do texto.

Co: Prefixo Latino Que Traz Consigo o Sentido de Com, de Gisela Reis Biancalana (UFSC), nos aponta os desafios da criação Conjunta e apresenta duas performances artísticas, *Aqui ou AliXo* e *Rubra Fluidéz*, desenvolvidas por integrantes do Laboratório de Pesquisa em Performance Arte e Cultura (LAPARC/UFSC). Em tais trabalhos há práticas de colaboração e entrecruzamentos de saberes, ou seja, “saberes-fazer advindos das experiências conjuntas”. Antecedendo o encontro com as duas práticas performáticas, Biancalana desenvolve o pensamento sobre o termo colaboração em artes e o modo de fazer arte junto, debruçando-se nas considerações do norueguês Florian Schneider, da boliviana Maria Galindo, entre outros, assim como a evidência de outros termos que versam sobre a produção artísticas com autoria compartilhada.

PROCESSOS E SABERES POÉTICOS: AÇÕES NAS COMUNIDADES apresenta sete artigos. Em **Deslocamentos, observâncias e cartografias na arte contemporânea (DesIOCC) para uma cidade múltipla e vívida**, Eduarda (Duda) Gonçalves, versa sobre as proposições artísticas do seu grupo de pesquisa (CNPq/UFPEL), revelando as táticas para prospectar a cidade de Pelotas e arredores. As produções apresentadas no texto, partem dos *Cartões de vista mirantes* de autoria da artista pesquisadora, e vão ao encontro dos movimentos conjuntos que desencadeiam o

ensaio visual *Marambair*, a ação *Arte Rolé do buzão*, a excursão em *Monte Bonito* e as cartografias *Cartas Moventes*. Os processos são descritos e envolvidos aos saberes da arte e de outros, tais como as considerações teóricas de Francesco Careri, Michel de Certeau, a produção artística de Gabriel Orozco e Hélio Ferverza, evidenciando as maneiras pelas quais a cidade, a vizinhança, vai sendo reinventada e ampliada, ao mesmo instante que instaura um modo de fazer arte no extremo sul do país.

Hermes Renato Hildebrand (Unicamp e PUCSP), Adeline Gabriela Silva Gil (UNIARA) e Daniel Paz de Araújo (PUCAMP), no artigo **Intervenções Urbanas: o Processo Criativo no Contexto Artístico Contemporâneo**, buscam investigar as condições criativas que se realizam por meio das artes interativas contemporâneas, no contexto da complexidade, interação, colaboração e com referências nas tecnologias emergentes. São analisadas, com base no Método Cartográfico, três intervenções artísticas: *Air City: arte#ocupaSM-2012-2013*, realizada em Santa Maria – RS; *ZL Vórtice*, na Zona Leste da cidade de São Paulo – SP; e *ParaTy - Trilha dos Sete Degraus*, na cidade de Paraty – RJ, todas no Brasil. Com referência em Edgar Morin, articulam o método cartográfico, a complexidade do pensamento e a ideia do ato modelizador.

Em **Paragem das Conchas – uma travessia por terra, água e ar**, Lilian Maus (UFRGS) apresenta experiências artísticas ocorridas no território da Paragem das Conchas, em Osório, sob a perspectiva da fenomenologia da paisagem, observando a natureza e escutando diferentes grupos e agentes da comunidade local. A artista estabelece ações coletivas como articuladora/propositora, promovendo um diálogo entre arte, biologia, geografia, história e filosofia. Nas exposições *Expedição pela Paragem das Conchas*, *Soçobro*, *Olho d'água e Travessia por terra, água e ar*, a partir de pinturas, desenhos, textos, fotografias, vídeos e instalações, concebe paisagens reais e imaginárias. Poéticas atravessadas pelos pensamentos de Martin Heidegger e Charles Baudelaire, pela poesia de Mestre Alberto Caeiro, pelos processos de Paul Cézanne,

pelos lendas e pelos atlas botânicos, que concedem um conjunto de sentidos às obras de arte.

Ao caminhar pela cidade como prática estética (CARERI, 2013), João Miguel Diógenes de Araújo Lima (UFC) coloca em **Conviver com as cidades, tornar-se com as plantas** que os sentidos do corpo são convocados em momentos íntimos com a cidade, movidos por desejo e suas afecções (DELEUZE; GUATTARI, 1995; GUATTARI; ROLNIK, 1996). Com as *Ocupadeiras* – plantas que brotam em rachaduras no concreto – e com folhas secas que se amontoam, como matéria de poesia (BARROS, 2007), produziu imagens e bordados que experimentam com o devir urbano (GUATTARI, 1992). Essas proposições se desdobraram em um acervo fotográfico online, oficinas de bordado em folhas e caminhadas.

Nauita Martins Meireles (UFPEL) compartilha sua proposta artística em **Centro compacto de devaneio cidade – rio**, que se refere ao nome atribuído a casa em que sua avó residia e que é ocupada pela artista e moradores da cidade com o propósito de criar um espaço de interação e observação da cidade. Em coautoria com Anieli Martins, instaura na casa um laboratório poético, na cidade de Pedro Osório, no interior do Rio Grande do Sul. No local são promovidos encontros, projeções de filmes e a realização de proposições artísticas, como a ação *Propagandeando Poesia*. Na escritura encontramos as relações com a concepção de *Un arte contextual* de Paul Ardenne e as aproximações com *A Poética do Espaço* de Bachelard, percebemos também o encontro com a literatura local em a *Rebelião das águas* em Pedro Osório. O artista Paulo Bruscky e o coletivo Poro são apontados como referências para a arte que se integra e acontece na cidade ribeirinha.

Já em **Arte, memória e saúde em territórios expandidos: tecendo redes de afetos ou arte pode não curar, mas sua ausência adocece**, Lilian Amaral discute a atuação da arte que ocorre em dinâmicas sociais, políticas e práticas contemporâneas provindas da arte pública e seus desdobramentos, bem como atuação como práticas críticas. Neste sentido, aponta algumas

práticas contemporâneas decorrentes da arte pública, como “novo gênero de arte pública” (LACY, 1995), “arte contextual” (KWON, 1997), “estética relacional” (BOURRIAUD, 2006). Ainda, sobre as novas reconfigurações contemporâneas, traz o conceito de campo expandido de Rosalind Krauss e a partilha do sensível de Rancière. Lilian compartilha experiências decorrentes da mostra *TOQUE: instalação em processo | autoria compartilhada*, e da exposição e série de encontros *Olhares Transversos | Programas Públicos*.

PROCESSOS E SABERES POÉTICOS: AÇÕES COM AS COMUNIDADES, com seis artigos, inicia com **Labinter: Arte e Tecnologia em Projetos Colaborativos**, de Andréia Machado Oliveira (UFSM), Felix Rebolledo Palazuelos (UFN) e Tatiana Palma Guerche (UFSM), trazendo alguns projetos colaborativos, como: *REDE_EM_REDE: cartografias artísticas na produção do coletivo*, e *Documentários Participativos nos Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. *REDE_EM_REDE* propõe relações entre as redes sociais online e as redes ferroviárias regionais físicas quase extintas. Com o objetivo de reativar a rede das cidades ferroviárias, inclui na proposta as cidades de Santa Maria, São Gabriel e Santiago, e tem como principal referencial a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour. O segundo projeto, investiga a utilização de dispositivos móveis digitais para produções audiovisuais em rede dentro dos assentamentos do MST/RS, a partir da ideia de ecologia de práticas de Isabelle Stengers.

O Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR/CNPq) se propõe a pensar as intervenções artísticas com a cidade e como nos solicitam protocolos distintos de pesquisa, de pensamento, de visão e de invenção de mundo(s). Neste sentido, Deisimer Gorczewski, Aline Mourão Albuquerque e João Miguel Diógenes de Araújo Lima partilham pesquisas e intervenções poéticas e políticas em **Pesquisar, Intervir, Inventar com as Cidades**, inspirados em proposições de artistas e pesquisadores, entre eles: Hélio Oiticica, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Humberto Maturana e Francisco Varela e suas contribuições nas áreas de artes, ciências e filosofia. Com as muitas

cidades que os atravessam e com as quais inventam *Fortalezas Sensíveis*, colocam-se atentos às relações, singularidades e aos agenciamentos entre arte, cidade e vida e aos modos de exercitar o pesquisar, o intervir e o escrever coletivo e transdisciplinar.

Um Jogo Cooperativo Artístico. A Experiência do Descaminhar em Salvador, de Karla Brunet (UFBA) e Andressa Melo (UFBA), apresenta a produção de um jogo de tabuleiro artístico de criação colaborativa. A partir da psicogeografia e a arte de andar como ponto de partida, o jogo, desenvolvido na cidade de Salvador, busca a experiência de mover-se por um lugar, sentir seu ambiente, vagar e experimentar a cidade como arte e como jogo. Com base na topofilia de Yi-Fu Tuan (1990), visa apreciar o lugar, amando-o. O conceito de cooperação recebe atenção especial, com referências teóricas de um conjunto de pesquisadores envolvidos com a temática. Criando uma experiência artística fora do museu ou do espaço expositivo, apresenta-se o jogo *Descaminhar* como obra *site-specific* (Frock, 2015). Diferente de uma mera contemplação do lugar, este jogo pretende levantar questões de mobilidade, urbanismo, ambiente, estética e poluição.

Deslocamentos do Artista e seu público para a comunidade: práticas dialógicas no espaço cultural Instituto Hélio D'Angola, de Alice Jean Monsell (UFPEl), apresenta oficinas e ações desenvolvidas na comunidade, a partir dos processos desencadeados em disciplinas ministradas, nos projetos e junto ao Grupo de Pesquisa DesLOCC (UFPEl/CNPq). As caminhadas e as observações, que balizam os procedimentos, desencadearam as situações de colaboração e convivência entre a artista, os estudantes de artes e a comunidade do 'Quadrado', onde a sede do espaço cultural e ONG, Instituto Hélio D'Angola, está localizada, na zona do Porto em Pelotas. Para isso, revela o modo de fazer e as problematizações resultantes que versam sobre outras concepções de arte, de público, da obra e do objeto artístico. Assim como, aponta e discorre sobre as relações entre arte e ecologia, em Fernando Mires e as considerações de Grant H. Kester, sobre a pesquisa das práticas de arte socialmente engajadas e colaborativas.

Em **DNA Afetivo Kamê e Kanhru – entre a Prática Artística e o Engajamento Social**, Kalinka Lorenci Mallmann (UFSM) apresenta um projeto colaborativo realizado juntamente com Joceli Sales e a comunidade indígena Kaingang do Terra do Guarita, bem como aborda questões gerais de propostas artísticas colaborativas em seus contextos culturais, políticos e sociais, envolvendo: trocas efetivas com a comunidade, autoria compartilhada, descentralização, engajamento com questões sociais locais, tempo alargado e práticas desviantes. No projeto foram desenvolvidos laboratórios de criação com a realização de um mapeamento afetivo que localiza as famílias kamê e as kanhru, residentes na aldeia; bem como o início de um jogo digital. As práticas colaborativas abordadas ao longo do artigo foram problematizadas a partir dos teóricos: Grant H. Kester, Suzanne Lacy e Pablo Helguera.

Já em **Fricções no cotidiano: a descontinuidade como proposição para um ensino da arte**, Marcelo Wasem traz algumas inquietações acerca da arte e o ensino da arte destinado a formação de artista, evidenciando outros modos de operar o ensinar, ou seja, o ensinar a desfazer-se artista. Para isso, inicialmente aponta o processo e as noções de arte e artista a partir de Lygia Clark, Hélio Oiticica, Cildo Meireles, Allan Kaprow, entre outros, a fim de tecer uma rede de pensamentos e obras que tensionam o fazer próprio da arte e a própria noção do que se entende por ser artista. Refere-se às concepções de ensino do autor belga Thierry de Duve e ao conceito de descontinuidade desenvolvido por José Luiz Kinceler. E a partir de ações de descontinuidade, proposta aos estudantes de arte que operam metodologia e processos colaborativos e relacionais.

E, de maneira inusitada, constituímos um acervo de processos e saberes em Artes e Convívio, um modo de fazer e conhecer juntos. Congregamos nesta publicação movimentos coletivos das artes e da vida, aproximamos as pessoas, os fatos e as experiências que exercem práticas de liberdade. Trazemos à tona as marcas e as memórias de processos e saberes em arte contemporânea que lidam com as aprendizagens do viver e conviver e, assim, desejamos que

essa leitura colabore com a ampliação do sentido de colaboração e coletividade em um contínuo caminho que se faz ao caminhar.

Artes e Convívio, como ato político, deseja impulsionar a vida, a vida da pesquisa em artes, a vida das pessoas livres e lúdicas e acionar processos democráticos em que todos estão aptos a participar. Sabemos que os problemas que envolvem a sociedade brasileira não podem ser resolvidos em sua complexidade por proposições artísticas, no entanto, podem gerar afetos e criar outros espaços-tempos que, por sua vez, podem ampliar a partilha, fortalecer o convívio e reinventar a vida com proposições artísticas, sociais e políticas.

“A arte de viver é simplesmente a arte de conviver...
simplesmente, disse eu?
Mas como é difícil!”
Mario Quintana

Andréia Machado Oliveira

Eduarda Gonçalves

Deisimer Gorczewski

Organizadoras do dossiê

Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Pelotas, junho de 2022